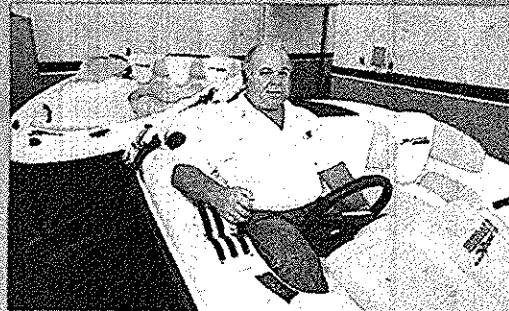


NAÚTICA

Novos modelos de jet in a foto, Valdir Brito com um jet boat de 4 lugares) estão movimentando o mercado náutico.

Página 6 D



José Cordeiro/AE

ENTREVISTA

Primeira mulher a fazer captação de som para cinema no Brasil, Karin Stuckenschmidt (foto) conta sua trajetória.

Página 8 D

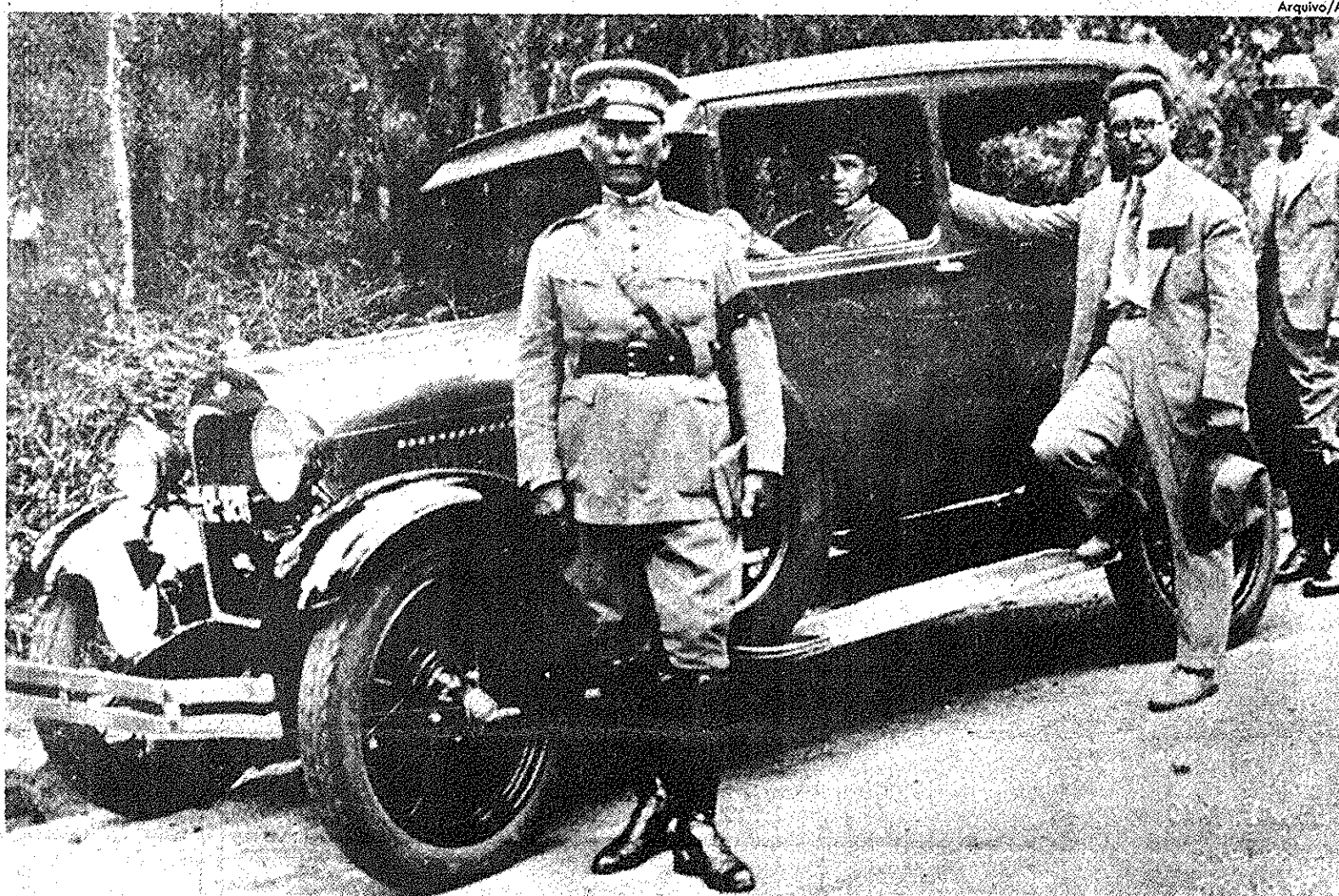


Nelson Almeida/AE

LEMBRANDO O MAIOR ANDARILHO DO PLANETA

O MARECHAL CÂNDIDO RONDON PERCORREU MAIS DE 40 MIL KM PELAS MATAS E CERRADOS DA AMAZÔNIA E DA BACIA DO PRATA, TRAVANDO O PRIMEIRO CONTATO COM VÁRIAS TRIBOS INDÍGENAS, SEMPRE FIEL AO SEU LEMA 'MORRER SE NECESSÁRIO FOR, MATAR NUNCA'

José Alfredo Vidigal Pontes, especial para o JT



Arquivo/AE

Rondon posa, ao lado de seu Ford-1926, antes de iniciar a longa viagem de Cáceres a Cuiabá



Arquivo/AE

Rondon (1ª fila, no meio) na campanha contra a Coluna Prestes



Arquivo/AE

Casa feita por Rondon e companheiros, na região pantaneira

Arquivo/AE



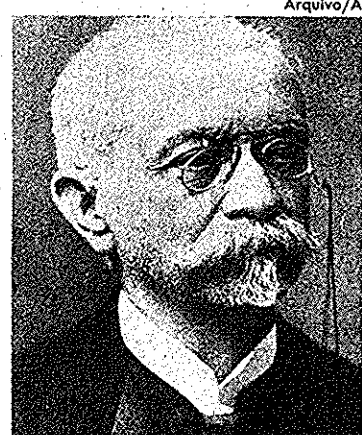
Benjamin Constant



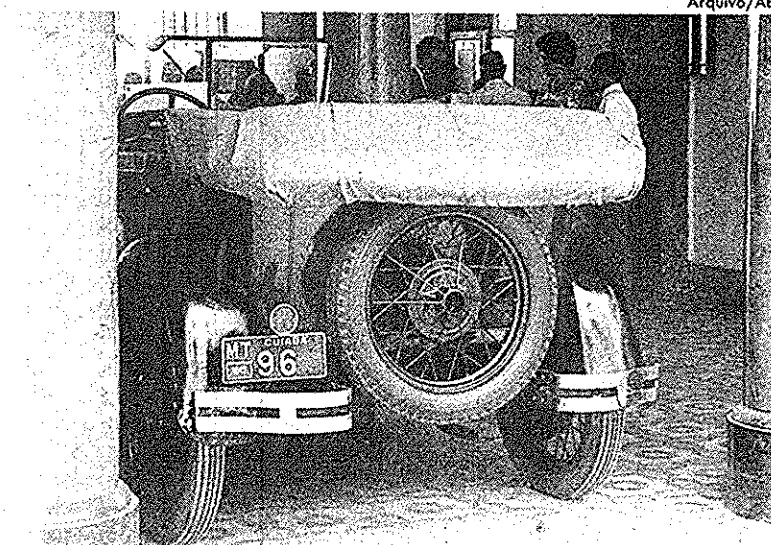
Deodoro da Fonseca



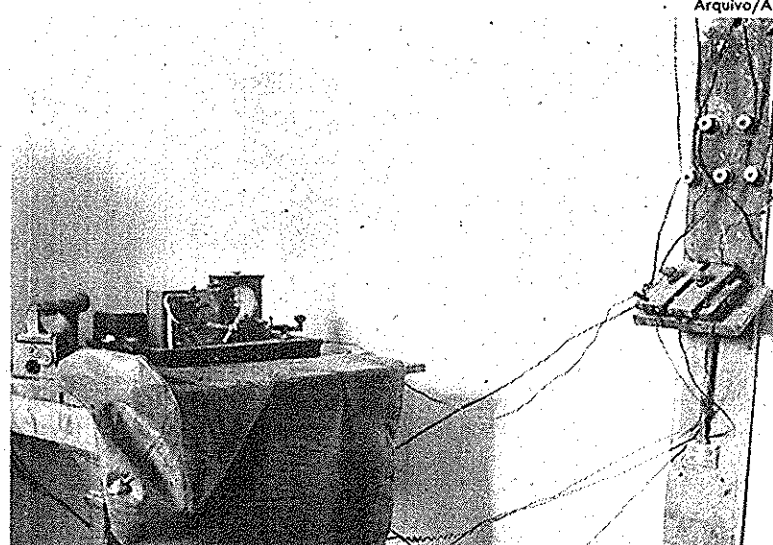
Hermes da Fonseca



Afonso Penna



Carro, com chapa de 1942, usado por Rondon



Arquivo/AE

Posto telegráfico instalado pelo marechal Rondon em Vilhena

O ano de 1958 no Brasil ficou marcado pelas delirantes explosões de alegria pela conquista do nosso primeiro título mundial de futebol e pelo lançamento do disco *Chega de Saudade*, de João Gilberto, que revelava a Bossa Nova ao grande público. Mas havia começado triste, com uma verdadeira comoção nacional e uma grande saudade que os acordes da Bossa Nova vinham atenuar: a morte do marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, o "Boe-Migera Curireu" — ou "Grande Chefe Bororo", como lhe chamavam seus parentes, os bororo do Mato Grosso.

Poucos brasileiros conseguiram reunir tantas personalidades em seu funeral. O presidente Juscelino Kubitschek teve que pedir licença a um índio debruçado em lágrimas para poder se aproximar do corpo. Seu caixão foi carregado por Eurico Gaspar Dutra — um ex-presidente — e pelo ministro da Guerra Henrique Teixeira Lott, seguido de grande multidão. Foi talvez o único herói militar brasileiro verdadeiramente popular, justamente pelo fato de não ter sido um mito formado a partir de feitos guerreiros, mas, ao contrário, um militante pacifista.

Morreu aos 94 anos, alguns meses antes de sair a nomeação do Prêmio Nobel da Paz, quando era um dos candidatos mais fortes, exclamando: *Viva a República! Urra! Urra!* Os costumes espartanos que desenvolveu desde criança nos alagadiços do Rio Cuiabá onde nasceu, fizeram dele uma pessoa muito exigente consigo mesmo e com os outros. A disciplina militar dos quartéis do Rio de Janeiro parecia-lhe desnecessária: sempre acordava duas horas antes do corneteiro. Esta disciplina natural seria ao mesmo tempo digna de elogios e críticas.

Foi talvez o maior andarilho do planeta: percorreu mais de 40 mil km pelas matas e cerrados da Amazônia e da bacia do Prata, travando o primeiro contato com várias tribos indígenas, sempre fiel ao seu lema "Morrer se necessário for; matar nunca!". E realmente não matava. Entretanto, reagia com rigor excessivo às insubordinações e traições, aplicando regularmente o castigo de açoite de varas nas nádegas de seus soldados, a maior parte deles soldados prisioneiros dos quartéis do Rio de Janeiro que eram obrigados a servir na selva como punição por seus delitos.

Nascimento

A história deste brasileiro incomum começa em plena Guerra do Paraguai. Além da invasão do Mato Grosso pelas tropas de Solano Lopes, os habitantes de Mimoso — um distrito agrícola da cidade de Santo Antônio Leverger, próxima a Cuiabá — sofriam com uma epidemia de varíola. Viúva desde dezembro de 1864 com a morte do marido Cândido Mariano da Silva, Claudina de Freitas Evangelista deu à luz a um menino robusto e moreno, com fortes traços indígenas, no dia 5 de maio do ano seguinte.

O sangue índio vinha do pai e da mãe, ambos descendentes de colonizadores mestiços paulistas vindos com as "monções", expedições migratórias do século 18 que povoaram o Mato Grosso após a descoberta das minas do Rio Coxipó-Mirim em 1718. Descendia de portugueses, espanhóis, bororós, terenas, tupiniquins e guainás.

O menino Cândido Mariano da Silva, batizado com o mesmo nome do falecido pai, ficou órfão aos dois anos de idade: Claudina também não resistiu à varíola. Foi então criado pelos avós maternos, aprendendo muito cedo a cavalgar e lidar com o gado. Em 1871 começou a se alfabetizar em uma escola aberta por um veterano da guerra. Dois anos depois foi morar com um tio paterno em Cuiabá para poder continuar os estudos, conforme um desejo

expresso pelo pai antes de morrer, preocupado com a instrução do filho que não chegou a conhecer.

Este tio que o criou, Manoel Rodrigues da Silva, tinha um homônimo com péssima reputação em Cuiabá. Para diferenciá-lo, adotou o sobrenome materno Rondon, uma corruptela de Rendon, antiga família paulista de origem espanhola da qual também descende o coronel Arouche Toledo de Rendon, proprietário no século 19 de uma chácara no local onde hoje se encontram o Largo do Arouche e a Praça da República, no centro de São Paulo. Para homenagear o tio, o jovem Cândido também adotou o sobrenome inóclito, com o qual seria celebrizado anos depois.

Com 16 anos, o estudioso Rondon decide fazer a carreira militar. Como não tinha dinheiro para custear sua estada no Rio de Janeiro, alista-se como soldado do 2º Regimento de Artilharia a Cavalo, em 1882. Era comandante deste regimento o capitão Hermes da Fonseca, o qual seria presidente da República de 1910 a 1914. O talento do recruta matogrossense foi logo notado, valendo-lhe o posto de amanuense (escrivão) do regimento. Em 1883, depois de alguns exames e dificuldades formais, foi matriculado na Escola Militar.

Os hábitos espartanos daquele estudante determinado chamavam a atenção dos colegas. Acordava às 4h00 para tomar um banho de bica no Morro da Babilônia — próximo ao alojamento militar da Urca. No verão, ainda no escuro da madrugada, costumava dar um mergulho solitário na perigosa Praia Vermelha, de ondas fortíssimas que arrebatavam no raso e tubarões vorazes depois da arrebatção. Às 6h00 — quando a corneta tocava — já estava fardado lendo alguma coisa à luz de velas. Este hábito lhe traria um glaucoma na velhice.

A comida do quartel era apenas arroz, feijão e carne seca, com poucas verduras, legumes e frutas. Era pouca vitamina para quem tinha sido criado com muita couve, almeirão e todas as frutas da bacia do Prata. Em 1885, dirigindo-se avidamente para uma aula de Benjamin Constant — que seria sua referência ética e intelectual pela vida inteira — desmaiou antes de entrar na classe. Estava com uma profunda carência de vitaminas. Esteve mal a ponto de os colegas fazerem uma vaquinha para o enterro. Quando despertou pediu um abacaxi e começou a melhorar. Com uma dieta de frutas recuperou-se totalmente.

Conspiração

Em 1887, depois de protestar contra algumas injustiças na avaliação de notas suas, Rondon foi preso por alguns dias. Contudo, no ano seguinte foi promovido a alferes-aluno, distinção exclusiva dos melhores estudantes. Nesta época aproximava-se cada vez mais de Benjamin Constant, agora seu professor de Matemática Superior. Mais do que um professor, Benjamin Constant Botelho de Magalhães era o mais influente pensador do Exército, entusiasta da doutrina positivista de Augusto Comte, a qual defendia, entre outras coisas, o regime republicano de governo e o fim da monarquia.

Na noite do dia 14 de novembro de 1889, um dia antes do fim da monarquia, o cadete Rondon está entre os ajudantes de ordens de Benjamin Constant, o principal articulador do golpe que transformou o general Deodoro da Fonseca no primeiro presidente da República. A Rondon coube fazer contato com a Marinha, levando instruções de Constant. O discreto matogrossense tinha saído de uma festa e deixado a noiva e futura esposa, Chiquita Xavier, sem lhe contar uma palavra do que estava acontecendo.

A reportagem sobre a trajetória do marechal Cândido Rondon continua na página 2 D.

NA SELVA COM ROOSEVELT

O SERTANISTA RONDON ACOMPANHOU O EX-PRESIDENTE NORTE-AMERICANO NA EXPEDIÇÃO À AMAZÔNIA

Pouco mais de um mês depois da proclamação da República, por ser matogrossense, Rondon foi designado para assessorar o general Gomes Carneiro, comandante da tropa que devia completar a ligação telegráfica entre Uberaba, no triângulo mineiro, e Cuiabá, no Mato Grosso. Faltava um trecho de 600 km, de Cuiabá à margem ocidental do Rio Araguaia, região habitada por índios bororos, povo ao qual pertencia sua bisavó, batizada como Joaquina Gomes.

Foi nesta primeira missão que Rondon — recém-formado como engenheiro militar — criou o lema "Morrer se preciso, for; matar nunca!", como todo bom positivista amante de dísticos e exclamações. Ficou oito anos envolvido com este trabalho. Havia se casado em 1892, antes de partir novamente para as matas e cerrados matogrossenses.

No ano seguinte acumulou o encargo da construção de uma estrada ligando Cuiabá a Goiás, tornando-se comandante de todas as tropas do Mato Grosso ao longo da linha telegráfica, quando o Brasil e Argentina passavam por uma séria crise diplomática em função de problemas de fronteiras no Rio Grande do Sul. Com a crise superada o projeto da estrada foi cancelado.

Disciplina

Em 1895 teve sérios problemas. Não com os índios, com os quais era mais tolerante, mas com sua tropa: foi a Conselho de Guerra acusado de maus tratos a seus subordinados. No ano anterior, necessitando ir ao Rio, teve que deixar o comando da Comissão Telegráfica com um auxiliar. Quando já estava embarcado no navio foi avisado de uma revolta da tropa: os soldados tinham posto os oficiais para correr pela mata e estavam há horas se embriagando numa grande farrá.

Rondon quase matou um cavalo na volta acelerada ao acampamento de Quebra-Potes, onde estavam os amotinados. Imediatamente fez a tropa perfilar-se atônita com o toque de desfilado que o assustado corneteiro conseguiu executar com muito esforço. Apreendeu os oficiais por terem perdido o controle e fugido para o mato. Em seguida mandou que um grupo fosse cortar varas; durante uma hora todos os soldados foram açoitados nas nádegas, perfilados e apurados.

Passou pouco tempo no Rio e voltou ao acampamento. O clima estava mais carregado ainda: haviam chegado 100 revoltosos da fortaleza de Santa Cruz, na Baía de Guanabara, incorporados aos trabalhos na selva como castigo. Já experimentados em uma conspiração fracassada, estavam armando outra. Em um determinado dia matariam Rondon e todos os oficiais e assumiriam o controle do acampamento, fugindo em seguida com tudo o que quisessem levar. Porém, vinte soldados desistiram do plano e fugiram na véspera. Um sargento foi informado do plano e comunicou ao comando. Os vinte fugitivos foram recapturados e açoitados. Um capitão denunciou Rondon, que chegou a ir ao Rio prestar esclarecimentos, de onde voltou sem ser punido.

Três anos depois, em 1898, foi concluído o trecho Cuiabá-Araguaia. Tinha tido problemas apenas com os soldados. Com os bororos, terenos e quiniquinaus ao contrário: estabeleceu uma relação íntima, cultivada a vida toda, somente interrompida quando a saúde não lhe permitiu mais viajar ao Mato Grosso. Muito tempo depois, já idoso, passou uma procuração verbal gravada dizendo aos bororos que o seu substituto na defesa de seus interesses passaria a ser o antropólogo e hoje senador Darcy Ribeiro, que o representou no funeral de Cadete, um grande chefe.

Retornando ao Rio em 1898, assume funções administrativas e ingressa oficialmente



O marechal Rondon viveu até os 94 anos

na Igreja Positivista, da qual já era antigo simpatizante. Mas não estava no seu destino uma pacata vida urbana, com monótonos expedientes na Intendência do Exército. Em 1900 é novamente incumbido de uma missão na floresta, desta vez nas fronteiras da Bolívia e Paraguai. Seis anos depois terminou os 1746 km de linhas telegráficas da fronteira do Centro-Oeste.

Volta à então capital da República, mais uma vez por pouco tempo. O presidente Afonso Penna, recém-empossado, o incumbiu de fazer a ligação telegráfica de toda a Amazônia Ocidental, correspondente aos atuais estados de Rondônia, Acre e Amazonas.

Esta missão foi uma verdadeira epopéia: conseguiu apoio dos pares, foi hostilizado pelos nhambiquaras, aos quais evitou e por fim foi até dado como desaparecido e provavelmente morto, pois ficou meses sem dar notícia. No dia 23 de dezembro de 1909 chegava a um acampamento de seringueiros em Santo Antonio da Madeira, no Amazonas, um bando de homens nus, magros e febris. Eram Rondon e seus soldados, que nos últimos três meses tinham se alimentado apenas com o que a selva podia oferecer: caça, mel e frutas. O trabalho, no entanto, estava terminado.

Em plena terça-feira de carnaval, no dia 6 de fevereiro de 1910, Rondon chegou ao Rio de navio, sendo recebido por uma grande multidão engrossada por blocos de foliões. Trouxe um extenso acervo de amostras para pesquisas, as quais foram divulgadas pelo Museu Nacional: tinha penetrado por terras absolutamente desconhecidas, trazendo informações importantes para a antropologia, a geologia e a

geografia.

Já recuperado, Rondon conseguiu do governo a criação do Serviço Nacional do Índio, do qual toma posse no dia 7 de setembro, data escolhida por ele. Foi um marco na política indigenista do Estado brasileiro: o primeiro reconhecimento mais explícito dos direitos dos índios à terra. Mesmo que o propósito positivista, do qual Rondon era um obstinado adepto, objetivasse a absorção do índio ao mercado como produtor de produtos agrícolas.

Inevitável

Os positivistas consideravam que mais cedo ou mais tarde o índio acabaria entrando em contato com a civilização ocidental, e — uma vez que isto era inevitável — que ocorresse da forma mais pacífica possível, preparando-o para uma economia de mercado através de uma educação agrícola. Não havia ainda a consciência do direito do índio à preservação de sua cultura, ou de uma opção pela não aculturação. De todo modo, significava um avanço considerável frente ao extermínio sistemático existente desde o século 16.

Em 1912 já está de volta à floresta, prosseguindo nos trabalhos da Comissão Telegráfica, quando consegue estabelecer relações pacíficas com os nhambiquaras, os quais chegam mesmo a ajudar na abertura de picadas na selva.

Em 1913, em plena selva amazônica recebe uma comunicação do Rio de Janeiro: deveria acompanhar o ex-presidente norte-americano Theodore Roosevelt em uma expedição à Amazônia. Chegou a duvidar se deveria aceitar, temendo que o visitante pretendesse fazer um safari. Só acei-



Em plena campanha, Theodore Roosevelt, depois salvo por Rondon



General Gomes Carneiro



Presidente Juscelino Kubitschek

tou depois de se assegurar que os objetivos seriam científicos.

Theodore Roosevelt, presidente dos Estados Unidos de 1901 a 1908, foi o fundador da política do "big stick" (grande porrete) na América Central, caracterizada pelo intervencionismo na região do Caribe, presente até hoje. Conseguiu separar o Panamá da Colômbia e viabilizar o Canal do Panamá. Inteveio também na República Dominicana e em Cuba. Na Europa, ao contrário, destacou-se como um grande mediador de conflitos, recebendo por essas missões diplomáticas o Prêmio Nobel da Paz de 1906.

Não conseguindo se reeleger em 1912, quando perdeu para Woodrow Wilson, Roosevelt passa a se dedicar ao Museu Americano de História Natural, de Nova York. Antes de vir ao Brasil já havia comandado uma expedição científica à África. Além da coleta de plantas e do abate de animais para estudo, a expedição tinha o objetivo de reconhecimento geográfico de áreas totalmente desconhecidas como era o vale do Rio das Dúvidas, no estado do Amazonas. O patrocínio era dividido pelo governo brasileiro e pelo Museu.

Rondon recebeu Roosevelt na barranca do Rio Paraguai. O grandalhão ex-presidente tinha vindo de barco de Assunção. Deram-se bem desde o começo. Respeitavam-se muito. Roosevelt trouxe um filho, Kermit, responsável pela cartografia, jovem arrojado demais que gostava de ir na frente dos guias. Ao descender um rio desconhecido meteu-se com sua canoa em corredeiras perigosas. Um piloto que ajudou a salvá-lo foi arrastado para as pedras, morrendo tragicamente.

Parecia ser um prenúncio de

mais dificuldades. Um soldado que estava roubando enlatados dos americanos foi surpreendido por um sargento, que o fez devolver os alimentos. Algum tempo depois o soldado, um certo Júlio, matou o sargento à queima-roupa em uma emboscada e fugiu. Dias depois, o barco em que estava Roosevelt avistou o soldado Júlio faminto em cima de uma árvore na margem pedindo socorro desesperadamente.

Roosevelt chegou a armar a pontaria da espingarda para atirar, desistindo em seguida e ordenando ao piloto que seguisse adiante. Quando soube do ocorrido, Rondon ficou indignado, passando uma decompostura em Roosevelt na frente de outras pessoas, dizendo que mesmo na selva deveria imperar a lei, e que Roosevelt fizera muito mal não aprisionando o soldado para ser julgado em um tribunal. Em seguida ordenou a busca exaustiva de Júlio, o qual nunca mais foi encontrado.

Doentes

A expedição chegou ao fim com vários doentes, dentre eles Roosevelt e Kermit. Theodore Roosevelt chegou a pensar que iria morrer de uma infecção em um corte que sofreu na perna ao empurrar um barco. Queria que a expedição o deixasse e seguisse adiante, pois achava que seria um fardo inútil. Rondon não concordou e Roosevelt sobreviveu. O resultado mais significativo da expedição foi o reconhecimento geográfico de toda a bacia do Rio das Dúvidas, rebatizado por Rondon como Rio Roosevelt, apesar dos protestos do homem que viabilizou o Canal do Panamá — feito do qual se gabava frequentemente, sem nenhuma modéstia. Anos de-

pois o governo brasileiro mudou o nome para Teodoro — como é conhecido hoje.

Em 1914, Rondon recebeu o Prêmio Livingstone da Sociedade de Geografia de Nova York. Não podendo comparecer, pois havia retornado aos trabalhos da Comissão Telegráfica, pede que Theodore Roosevelt o represente. Este, vaidoso, não perde a oportunidade para elogiar a si mesmo em seu discurso, embora a homenagem fosse a Rondon: "A América pode apresentar ao mundo as suas realizações cíclicas: ao norte, a abertura do Canal do Panamá; ao sul, a obra de Rondon — científica, prática e humanitária".

A ligação telegráfica da Amazônia termina em 1915. O sertanista volta ao Rio, onde passa alguns meses para novamente retornar ao mato, desta vez para fazer o reconhecimento cartográfico do então estado do Mato Grosso. Era um trabalho misto de pesquisa de campo e de arquivos, cujo produto final era uma carta geográfica precisa. Em 1919, com 54 anos de idade, terminou esta tarefa importante e retirou-se, exausto, da vida em acampamentos na mata.

Civilização

Finalmente consegue viver no Rio de Janeiro, junto à família. Foi nomeado diretor de Engenharia do Exército. No ano seguinte foi condecorado pelo rei da Bélgica, que fazia uma visita ao país. Em 1922 acompanha os trabalhos da Missão Militar Francesa, vinda para modernizar o exército brasileiro. Dois anos depois participa com as forças legalistas da repressão à revolução de 1924 em São Paulo, quando os "tenentes" ocuparam a cidade.

Foi indicado para Inspetor de Fronteiras pelo presidente Washington Luís, em 1927. Seu trabalho consistia em confirmar demarcações. No meio de sua tarefa ocorreu a revolução de 1930, com apoio dos "tenentes" que tinha combatido em 1924. Um deles, Juarez Távora, não o perdoava: criticou publicamente todo o trabalho de telegrafia na Amazônia, considerando-o não prioritário.

Ofendido, Rondon pede reforma do Exército em caráter irrevogável e pede que sua vida seja investigada por um Tribunal de Guerra. O novo ministro da Guerra nega o pedido e o próprio Getúlio Vargas comunica-lhe pessoalmente que precisava da continuidade do seu trabalho de reconhecimento de fronteiras. Só assim Rondon concorda em continuar na ativa.

Em 1934, logo após terminar o trabalho de fronteiras, Getúlio indica Rondon para intermediar um grave conflito territorial entre o Peru e a Colômbia: a Questão de Leticia. Presidiu as negociações durante quatro anos, até conseguir um acordo final que contentou ambas as partes, recebendo condecorações dos dois opoentes: Grande Oficial da Ordem de El Sol do Peru, e Grande Oficial da Ordem de Boyacá da Colômbia.

Em 1938 era recebido por uma multidão no cais do porto do Rio de Janeiro. O maestro Villa-Lobos regou um coro de 300 vozes, executando dois hinos compostos especialmente em homenagem à obra de Rondon: *Herói do Brasil* e *Parvês Nozani-Ná*. A consagração era demais para "tenente" por defeito: Getúlio Vargas também o condecorou com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Militar, apesar dele sempre reiterar sua lealdade a Washington Luís, o presidente deposto em 1930.

No ano seguinte, à sua revelia, o ditador Getúlio Vargas nomeou-o primeiro presidente do recém-criado Conselho Nacional do Índio, que vinha substituir o Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Foi a sua última missão pública antes da aposentadoria. O vigor sertanejo recebido na infância passada nos alagados de Mimosos esticou a vida do maior andarilho do planeta até os 94 anos.

EXPEDIÇÃO VIRA FILME E SÉRIE PARA TV

Longa de Roberto Farias conta aventuras de Roosevelt e Rondon na Amazônia

O cineasta Roberto Farias está preparando um longa-metragem sobre a expedição Roosevelt-Rondon. O projeto tem um orçamento de US\$ 12 milhões para contar a convivência entre duas personalidades fortíssimas como eram Rondon e Roosevelt. A relação entre os dois teve momentos de respeito, a descontração de banhos de cachoeira com índios nhambiquaras e também uma grande tensão no episódio em que Roosevelt abandona um soldado homicida à própria sorte, sozinho em plena floresta amazônica, causando grande indignação a Rondon. Apesar de todos os acontecimentos e percalços, os dois mantiveram uma amizade até a morte de Roosevelt em 1919.

Embora seja uma ficção, o filme de Farias vai utilizar um precioso material de arquivo — dezenas de filmes, fotografias e livros guardados pela família de Mário Civelli, cineasta italiano radicado no Brasil, muito amigo de Rondon. O sertanista mesmo forneceu o mate-



Roberto Farias prepara um longa orçado em US\$ 12 milhões

rial para que fosse feito um documentário que Civelli não concluiu devido à sua morte prematura. Farias vai aproveitar um dos roteiros deixados por Civelli para o filme. A produção está ainda no início e talvez esteja pronta no ano que vem quando se comemorará 40 anos da morte de Rondon.

JT — Além do longa existe a ideia de outros trabalhos sobre a vida de Rondon?

Roberto Farias — A ideia é que o filme sobre a expedição seja o piloto de uma série para a televisão. Para contar toda a vida de Rondon seriam necessários muitos capítulos. Em princípio a série deve-

rá ter oito episódios e terminar com a expedição Roosevelt-Rondon. Mas isto não significa que não sofra alterações para abranger outros episódios, ou para a realização de uma série complementar.

A escolha da expedição Roosevelt-Rondon para tema do longa se deve a uma estratégia de penetração no mercado americano?

A escolha deste episódio tem realmente a intenção de facilitar a penetração no mercado externo, inclusive o norte-americano. Além de contar um episódio que faz parte da vida de Theodore Roosevelt, personagem importante da história dos Estados Unidos, a participação de atores norte-americanos deve contribuir para isso.

Alguns críticos contestam o valor científico da expedição Roosevelt-Rondon. O material que o senhor pesquisa desmente esta suspeita?

Nós vamos contar os fatos. O julgamento ficará para o público. Não pretendemos contestar nem polemizar.